Artigos

Adriana Alves da Silva¹

Niunamenos: feminismo, pedagogias e poéticas da resistência

Resumo: O presente texto apresenta reflexões tecidas em um percurso de pesquisa e criação no campo da pedagogia da infância, tendo como ponto de partida dimensões simbólicas da luta contra o feminicídio no contexto da creche. Parte da pesquisa realizada em um estágio de doutorado na Itália em 2012 e da atual experiência docente em uma creche da Rede Municipal de Florianópolis. Esta complexa trama de vivências inclui ações educativas realizadas em diversos contextos e agências da/na Educação Infantil, incluindo bebês, crianças pequenas, docentes, famílias e pesquisadoras/es. Através de intervenções artísticas em um projeto intitulado "Contos de fadas em movimento: feminismo, educação e arte" buscamos promover processos criativos com personagens femininas da literatura clássica ocidental: Cinderela, Chapeuzinho Vermelho, a pobre órfã dos Sapatinhos Vermelhos, entre outras, tendo como estratégia metodológica o uso da literatura dos "contos de fadas/horror" como chave para a problematização das violências que perpassam as relações de gênero e que são narradas há séculos e gerações pelo mundo. A proposta busca desconstruir estereótipos e normatizações de comportamentos entre homens/meninos e mulheres/meninas e visa provocar deslocamentos de sentidos, transformações e criações de novas narrativas, com possibilidades nas entrelinhas das histórias de semear conceitos feministas: de sororidade, empoderamento feminino, princípios políticos emergentes à uma pedagogia descolonizadora emancipadora.

Palavras-chave: Creche. Poéticas da Resistência. Feminismo Transnacional. Literatura Infantil.

Niumamenos: feminism, pedagogies and resistance poetics

Abstract: The present work presents reflections woven in a research and creation course in the field of childhood pedagogy, starting from the symbolic dimensions of the fight against femicide in the context of day care. Part of the research was carried out in a PhD in Italy in 2012 and the current teaching experience in a nursery school of the municipal network of Florianopolis. This complex of experiences includes educational actions carried out in various contexts and agencies of the Infant Education, including infants, young children, teachers, families and researchers. Through artistic interventions in a project entitled "Fairy Tales in Motion: Feminism, Education and Art, we seek to promote creative processes with female characters from Western classical literature: Cinderella, Little Red Riding Hood, the poor orphan of the Red Shoe, among others having as a methodological strategy the use of the "fairy tales / horror" literature as a key to the problematization of violence that pervades gender relations and which has been narrated for centuries and generations throughout the world. The proposal seeks to deconstruct stereotypes and norms of behavior between men / boys and women / girls and aims to provoke displacements of meanings, transformations and creations of new narratives, with possibilities in the lines of the stories of sowing feminist concepts: from sorority, feminine empowerment, emerging political principles to a decolonizing emancipatory pedagogy.

Keywords: Day Care. Poetics of Resistance. Transnational Feminism. Children's Literature.

¹Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas. Professora colaboradora no Departamento de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina - FAED/UDESC. E-mail: silvada07@gmail.com

Introdução

Figura 1. Símbolo internacional da luta feminista contemporânea contra as violências de gênero sofridas pelas mulheres.

Era uma vez...: uma história de dor e de horror, que marcou a presente pesquisadora artista arteira, que em meio ao seu doutorado realizado na Faculdade de Educação da Unicamp, foi passar um ano em um pequeno país europeu, distante e belo, referência histórica no mundo ocidental pelo Renascimento que marca a história das artes e da beleza, que há décadas vem nos encantando por sua Pedagogia da Infância e da maravilha, criada no pós guerra, em meio à dor e o horror, como nostalgia do futuro². Este belo país é pequeno em extensão territorial, porém profundo em re-existências, pois trata-se de um território repleto de contradições, entre muitas, a pior e mais perversa para a pesquisadora artista foram os dados alarmantes de violência contra as mulheres e o encontro com o termo, a história e o movimento de luta contra o *feminicídio* através do livro *Femminicidio. Dalla denuncia sociale al riconoscimento giuridico internazionale*³, de Barbara Spinelli que encontrei na biblioteca Delledonne de Bologna.

Preâmbulo posto, o presente texto apresenta fragmentos de uma pesquisa em andamento, iniciada em 2012 em meu estágio de doutorado sanduíche realizado na Università Milano Bicocca em Milão na Itália, aqui descrevo fragmentos de um percurso criativo, envolvendo práticas docentes no amplo contexto da Educação Infantil, com professoras, famílias e crianças, permeado pelo tripé da ética, estética

² *Nostalgia do futuro* remete-se a Loris Malaguzzi e a pedagogia da infância e da maravilha criada por ele e demais educadores italianos no pós guerra na região de Reggio Emilia no centro norte da Itália. (FARIA E SILVA, 2015)

³ Barbara Spinelli, é uma jovem advogada e parlamentar italiana, ativista feminista, foi com este livro pioneira no contexto europeu na divulgação do termo, segundo a autora, *feminicídio* é uma categoria de análise sócio-criminológica de discriminação e violência contra as mulheres por fazerem parte do gênero feminino. Em seu livro, relata os alarmantes casos de assassinato de mulheres na Cidade de Juarez na fronteira do México com os Estados Unidos, que vem se destacando pelas denúncias e lutas contra o *feminicídio* se tornando um marco mundial. No Brasil foi aprovado em 2015, pela presidenta Dilma Rousseff, a Lei 13.104 que altera o código penal para prever o *feminicídio* como um tipo de homicídio qualificado e inclui-lo no rol dos crimes hediondos.

e da política, ressonâncias de um intenso contexto de cooperação internacional sobre experiências educativas com foco na "Jornada Internacional de Não Violência contra as Mulheres", 'comemorada' no dia 25 de novembro dentro de creches e pré-escolas no Brasil e na Itália, destacando abordagens conceituais feministas e de gênero (Scott, 1995) na formação docente.

Cabe destacar que a pesquisa referendada neste artigo é constitutiva de um processo de formação continuada em um âmbito não formal ou estritamente vinculado à uma instituição, embora compreenda os campos do contexto acadêmico como interlocutor fundamental e a prática docente na creche imprescindível, busca transcender para as relações sociais além da institucionais, em uma perspectiva formativa complexa como pesquisadora docente feminista na e para a educação infantil, com um vínculo profundo que transborda as fronteiras espaço-temporais condicionados pelos campos educativos.

Figura 2 – Montagem de imagens: Banco de uma creche municipal na cidade de Bologna, Itália, no dia 25/11/2016, indicação da intervenção artística do percurso com os sapatinhos vermelhos simbolizando a luta contra a violência contra as mulheres – inspiradas e motivadas pela intervenção política da artista plástica Elina Chauvet na cidade de Juarez no México, onde milhares de sapatos vermelhos encheram a praça da cidade e os olhos do mundo para os altos índices de violência contra as mulheres.

Figura 3 – Montagem imagens: Nido d’Infanzia San Donato, Bologna, Itália

Parto do pressuposto que em uma perspectiva feminista a creche é compreendida como lócus privilegiado na construção de práticas de educação e cuidado descolonizadoras, embasadas em pedagogias emancipatórias onde a criança pequena em sua centralidade, as mulheres em sua maioria – docentes e educadoras, são sujeitos no combate a múltiplas formas de opressão, violência e discriminação, evidenciando que trata-se um espaço e tempo fundamental na vida contemporânea de muitas mulheres permeado de contradições e possibilidades.

No clássico livro *Educar para a submissão*, a italiana Elena Gianini Belotti (1975), traz uma importante contribuição para se colocar em questão as relações de gênero na pequena infância, ressaltando as observações desde os primeiros anos da criança, analisando o comportamento dos adultos a seu respeito, as relações que estabelecem com as crianças nas diversas idades, o tipo de exigências que lhes são feitas e a maneira como lhes apresentam, as expectativas que envolvem o fato de pertencer a um sexo e não a outro.

As tensões entre corpo e infância aparecem na maneira como os corpos de meninas e meninos são socialmente classificados e hierarquizados, determinando papéis sociais e estabelecendo relações de poder, desde bebês. O que podemos facilmente inferir é que se trata de um processo de socialização de gênero, que possibilita experiências corporais marcadas por uma relação desigual, marcadas em muitas vezes pela perversa condição de ‘ser/estar’ menina e de menino. No corpo da menina e no corpo do menino inscrevem-se formas diferentes de perceber, de movimentar-se; formas diferentes e geralmente opostas de comportar-se, de expressar-se, de preferir (Becchi, 2003).

Os desafios de desconstrução dos processos de socialização de gênero, marcados historicamente pelas perversas relações de poder que marcam a educação sexista que recebemos nos contextos constitutivos das relações sociais capitalistas e patriarcais, tanto no âmbito familiar aos institucionais educativos nos colocam frente as questões fundamentais do processo de formação continuada no e do exercício docente na educação infantil, considerando esta etapa da educação básica como um campo inerentemente marcado pelas tensões da divisão sexual do trabalho que envolve entre outras desigualdades de gênero, a naturalização ou essencialização da maternagem e do trabalho doméstico e uma suposta cisão do educar e cuidar.

Ana Beatriz Cerisara (1996) em sua tese de doutorado “A construção da identidade dos profissionais e educação infantil: entre o feminino e o profissional” pioneiro trabalho de pesquisa na área, evidenciou esta complexa rede de relações que envolve o processo formativo da docência na educação da pequena infância, tendo o gênero como categoria central para problematizar os limites, contradições e as possibilidades da profissionalização, desta profissão à ser inventada – parafraseando o artigo da pesquisadora italiana Susanna Mantovani (1994), sobre a constituição desta nova profissional, a professora de creche.

Destaco que em ambas as referências, também podemos ter a interlocução Brasil-Itália e seus processos históricos de constituição do campo da educação infantil, evidenciando os processos formativos e nas entrelinhas das experiências, apontando os desafios de um ainda mais complexo processo, que é da politização docente em uma perspectiva feminista.

Ingressei como professora de Educação Infantil na Rede Municipal de Florianópolis em 2015, após um breve experiência na Rede Municipal de Campinas, tendo mais anos de formação, pesquisa e docência no ensino superior, porém imbuída com o desejo e a possibilidade de vivenciar uma prática docente feminista, que vem se tornando nos últimos anos como uma perspectiva teórico- metodológica inerente da minha condição docente em qualquer nível de ensino ou prática educativa que atue, tendo na dimensão da desconstrução das relações opressivas de gênero um dos maiores desafios de exercer uma pedagogia emancipatória.

Nesta perspectiva tive a experiência de vivenciar como docente pesquisadora uma jornada de luta contra a violência no contexto de creche, em 2016 em uma creche publica da rede municipal de Florianópolis, inspirada por educadoras de uma creche de Bologna que há alguns anos vem realizando atividades relacionadas ao 25 de novembro, que foi declarado *Dia Internacional da Não -Violência contra a Mulher*, no Primeiro Encontro Feminista da América Latina e Caribe realizado na cidade de Bogotá em 1981, como justa homenagem a “Las Mariposas”, codinome utilizado em atividades clandestinas pelas irmãs Mirabal, heroínas da República Dominicana brutalmente assassinadas em 25 de novembro de 1960. Minerva, Pátria e Maria Tereza ousaram se opor à ditadura de Rafael Leônidas Trujillo, uma das mais violentas da América Latina.

Figura 4 – Irmãs Mirabal “Las Mariposas”

Figura 5 - Cartazes 25 de novembro em creche: Brasil e Itália – por um feminismo transnacional

Cabe destacar que no caso brasileiro, a história da luta feminista por creche, conforme afirma Teles (1999) também foi permeada por uma educação para transgressão e subversão de ranços assistencialistas, com um movimento das mulheres de periferia repleto de processos criativos, como a utilização de paródias às cantigas de roda “*Eu fui à Prefeitura, buscar creche, não achei, achei tanta promessa, quase que eu desanimei. Olhe, seu prefeito, eu sou uma criança, mas sei meus direitos. O meu pai trabalha duro, o dinheiro nunca dá, eu preciso de uma creche para mamãe ir trabalhar*” (paródia da cantiga de roda “Eu fui no Itororó”) (p. 105).

Contos de ‘fadas’ em movimento: transgressão, feminismo e educação

No prefácio da preciosa coletânea de contos feministas do folclore mundial (2016), publicada originalmente nos anos 1970 na Inglaterra, Gayle Forman⁴ salienta que “*As histórias são importantes. Elas estão entre as primeiras coisas que escutamos. Era uma vez, a mãe e o pai sussurra para o bebê. E uma história começa.*” (p. 09). E segundo a autora são importantes pelas realidades que refletem e as aspirações que iluminam, entre meninos e meninas do mundo todo, uma vez que as histórias, em especial os contos de fadas e folclóricos, extraídos das culturas tradicionais e populares, vem nos constituindo, trata-se de narrativas complexas que são transmitidas de geração em geração.

Neste livro intitulado “Chapeuzinho Esfarrapado e outros contos feministas do folclore mundial”, a organizadora destaca que contos de fadas e contos folclóricos historicamente caminharam juntos, em alguns contextos são considerados sinônimos, mas que no caso da opção pela nomenclatura de

⁴Gayle Forman é uma escritora, romancista, feminista norte americana. Autora de sucessos editoriais e ativista.

contos folclóricos mundiais, a escolha se deve politicamente pelo movimento estético de enfatizar as culturas populares e também já destacar nas entrelinhas um protagonismo ‘outro’ das mulheres, meninas ativas e corajosas heroínas que nem sempre estão atreladas aos elementos sobrenaturais que constituem os contos de fadas, na maioria dos contos reunidos, temos narrativas de superação existencial, permeado pela astúcia e resiliência feminina, constituída não essencialmente, mas sim no âmbito da cultura, das relações sociais e da história na experiência com a criação e manutenção da vida.

Porém cabe salientar que os contos de fadas mais conhecidos e revisitados são os de origem europeia que foram distribuídos pela cultura letrada e impressa, muitas vezes se apresentam como contos de horror, marcados por agressões e violências especialmente sobre as crianças e mulheres, como em Cinderela, Chapeuzinho Vermelho, Branca de Neve entre outros. Na maioria destas narrativas os heróis são homens e as meninas e mulheres são subservientes e sem agência sobre seus próprios destinos. Transgredir estas narrativas tem sido um movimento importante da contra cultura, que vem nos últimos anos buscando desconstruir estereótipos de gênero.

A partir da minha experiência com o 25 de novembro, viajando pela Itália e me reportando diretamente a história latino-americana, uma vez que a data tem em sua origem uma homenagem póstuma e simbólica as irmãs assassinadas na República Dominicana - *Las mariposas* e como símbolo poético os *sapatos rojos mexicanos*, associei no meu intuito de fazer algo no Brasil, no meu contexto da educação infantil permeado pelas narrativas clássicas a história dos *Sapatinhos Vermelhos*, buscando criar possibilidades de uma práxis pedagógica feminista, transgressora de reinterpretação narrativa junto com as crianças.

O conto *Sapatinhos Vermelhos*, publicada por Hans Cristhian Andersen em meados do século XIX, relata a trágica história de uma pobre órfã que perde seus pés por conta da sua cobiça por reluzentes sapatos vermelhos de baile. Na minha interpretação a narrativa é repleta de simbolismos misóginos, de controle do corpo e moralismo religioso, reflexo da época e contexto de sua criação e/ou vinculação. Segundo Katia Candon (2014), Hans Christian Andersen é considerado o primeiro escritor *moderno* de contos de fadas porque utilizou tradição de contos populares – narrativas ligadas ao povo nórdico, que foram adaptadas por ele – mas, em sua maioria, criou textos inéditos, que brotavam de sua própria experiência, marcada pela miséria na infância e adolescência.

Porém na minha leitura trata-se de uma narrativa perversa de horror, que resiste e insiste, nas marcas simbólicas pelo mundo de sapatos vermelhos que apontam a cada ano o crescente número de mulheres desaparecidas, assassinadas por serem mulheres.

Nesta perspectiva, em interlocução com a gestão e colegas professoras no interior da creche e fora dela no contexto acadêmico de pesquisa, iniciei a elaboração de um projeto intitulado: *NIUNAMENOS⁵: relações de gênero, poéticas da resistência e políticas de desconstrução das violências* que tem como intencionalidade pedagógica promover ações educativas através de intervenções artísticas – em diversas linguagens, mas, sobretudo tendo como eixo central a literatura dos contos de fadas (que se configuram como clássicos

⁵ NIUNAMENOS, faz referência ao movimento de luta na Argentina contra o feminicídio brutal da argentina Lucía Pérez, 16 anos, que em Outubro de 2016 mobilizou manifestações de mulheres em diferentes países pelo mundo.

infantis mundiais e podem ser conectados com uma perspectiva de feminismo transnacional) como chave para a problematização das violências que perpassam as relações de gênero, buscando desconstruir estereótipos e normatizações de comportamentos entre homens/meninos e mulheres/meninas. As ações previstas perpassam diversas e importantes frentes da Educação Básica: da creche à universidade – com foco nas crianças/adolescentes à estudantes do curso de pedagogia, visando promover uma práxis na área de formação de professoras/es através de contação de histórias, dramatizações, leituras literárias e exibições de filmes.

Também teve como objetivo inicial a documentação do processo de trabalho coletivo do projeto visando a posterior edição de um vídeo documentário para o Fazendo Gênero 2017. Assim como a escrita de relatos de experiência para o COEB (Congresso de Educação Básica da Rede Municipal de Florianópolis) e fomentar reflexões na perspectiva da pesquisa e criação no âmbito do projeto de pesquisa e cooperação científica internacional “Instituições educativas para crianças de zero a dez anos: interlocução de pesquisa entre Brasil e Itália”, que envolve universidades brasileiras e a Università degli Studi di Milano-Bicocca da Itália.

A escolha desta temática foi justificada entre meus pares por vivenciarmos em nosso cotidiano expressões constantes de violências de toda ordem: tanto no espaço externo como no interno da creche, sobretudo nas relações interpessoais e busca inserir um projeto piloto integrado no nosso campo de atuação político pedagógico com ações concretas de sensibilização a temática e educação preventiva no combate as violências de gêneros, cabe salientar que também responde especialmente na emergência ao aumento da violência contra as mulheres e crianças que observamos com frequência em nossos cotidianos na creche.

Alguns conceitos chave permearam as atividades pedagógicas de integração entre os grupos, em especial o de *sororidade* com a intenção de desconstruir os ‘projetos’ de princesas, assim como trabalhar as relações entre as mulheres na creche. Em especial destacamos no projeto *Os sapatinhos vermelhos*, que tem como tema conceito chave: *resistência e o direito ao movimento feminino* – símbolo mundial na luta contra a violência que ainda abate e apavora as mulheres e as meninas em todo o mundo.

Em meados dos dias 25 de novembro de 2016 e 2017, realizei duas contações de história nas creches que atuava como professora, com a narrativa *Os sapatinhos vermelhos* como tema e contexto, inspirada na versão de Andersen, envolvendo todos os grupos, dos bebês as crianças pequenas e suas respectivas professoras e professores. Após a audição foi solicitado para as professoras e crianças para se apropriarem de sapatos vermelhos de brinquedo e no contexto da brincadeira, instigando o grupo a inventarem outros finais para substituir o trágico desfecho da personagem.

Figura 6 - Imagens do 25 de novembro de 2016, com os Sapatinhos Vermelhos em uma creche da rede municipal de Florianópolis.

Em geral, as crianças, sobretudo as maiores, manifestaram o desejo de se apropriarem dos sapatos vermelhos como um objeto mágico de transcendência da violência sofrida pela pobre órfã, assim como relatavam na minha passagem pelos grupos acompanhando a confecção de novos sapatos, diversas possibilidades de reinventarem desfechos que subvertem a lógica de vitimização da personagem, empoderando-a para outros destinos e caminhos possíveis.

No belo livro “Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade” (2013), bell hooks, importante pesquisadora e escritora feminista estadunidense relata a sua experiência com a educação como prática da liberdade em uma dimensão transgressora que reinventa os processos de ensino e aprendizagens visando sua dialética potencialmente emancipadora.

hooks tornou-se referência fundamental no meu processo constitutivo de docente pesquisadora feminista, neste precioso relato descreve o seu processo em relação ao feminismo como teoria e prática libertadora fundante de uma educação transgressora, em passagem particularmente inspiradora, considerando nosso contexto educativo com a pequena infância nos relata, que chegou muito jovem a teoria e consumida pela dor, vivenciada na sua infância permeada pelas opressões nas perversas relações racistas e sexistas do sul dos EUA, nos anos 1950.

Traz como referência para articular a teoria e a prática transgressora inerente ao feminismo a relação das crianças com a teoria, citando *The Significance of Theory*, Terry Eagleton,

As crianças são os melhores teóricos, pois não receberam a educação que nos leva a aceitar nossas práticas sociais rotineiras como “naturais” e, por isso, insistem em fazer as perguntas mais constrangedoramente gerais e universais, encarando-as como um maravilhamento que nós, adultos, há muito esquecemos. Uma vez que ainda não entendem nossas práticas sociais como inevitáveis, não vem por que não poderíamos fazer as coisas de outra maneira. (In hooks, 2013, pg. 83)

Em relação a chegar a teoria pelo horror e a dor, também gostaria de destacar a intensidade existencial no meu processo com o 25 de novembro, que vivenciado no contexto educativo de uma experiência de formação internacional, no estágio italiano do doutorado em 2012, foi inesperado e reforçado pelo assassinato brutal de uma colega pesquisadora portuguesa, no dia 01 de janeiro de 2013, no primeiro feminicídio que vivenciei, antes mesmo de retornar ao Brasil.

Maria do Fetal, professora e pesquisadora portuguesa, chegou ao Brasil no início dos anos 2000 para estudar a pedagogia do MST (Movimento Sem Terra) que ela conheceu como tradutora no contexto europeu, após tentar desenvolver sua pesquisa na Faculdade de Educação da Unicamp, onde a conheci, foi na Geografia da USP que realizou sua tese de doutorado, intitulada “Uso Agrícola do Território e a Pedagogia do Movimento sem Terra: uma Geografia do Presente”⁶ (2007) sob orientação de Maria Adélia Aparecida de Souza.

Cabe o registro disponível na mídia eletrônica da Via Campesina⁷:

Maria atuava como tradutora em atividades da Via Campesina, como na 5ª Conferência Internacional, ocorrida em Moçambique, e fez parte da Comissão Internacional de Mulheres (CIM) da Via, ajudando a traduzir uma cartilha da Campanha “Basta de Violência Contra as Mulheres”. O MST e a Via Campesina Internacional lamentam a morte de Maria do Fetal. Abaixo, leia a nota da Comissão Internacional de Mulheres da Via Campesina sobre a vida de Maria, e o legado que ela deixa às companheiras e aos companheiros:

Estimadas companheiras e companheiros,

Recebemos a triste e revoltante notícia dando conta de que a nossa companheira Maria Do Fetal de Almeida tinha sido assassinada pelo seu namorado no dia 1 de janeiro de 2013, em São Paulo, Brasil.

Maria, de nacionalidade portuguesa e residente no Brasil há mais de 10 anos (fez Doutorado em Geografia pela Universidade de São Paulo – USP) esteve apoiando desde que chegou no Brasil o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), a Via Campesina Brasil e Internacional.

A Maria do Fetal fez parte, entre muitas outras atividades, da equipe de intérpretes para a 5ª Conferência Internacional da Via Campesina, que ocorreu em Moçambique em 2008. Ultimamente Maria tinha apoiado a Comissão Internacional de Mulheres (CIM) da Via Campesina com a tradução de nossa Cartilha da Campanha Basta de Violência Contra as Mulheres e como intérprete em várias atividades de nossa organização.

De nossas trincheiras de luta, de nossas organizações, da CIM da Via Campesina, nos declaramos revoltadas e revoltados com essa notícia que atingiu a mais uma de nossas companheiras, e esperamos que as autoridades judiciais brasileiras julguem o assassinato e penalizem o assassino como a Lei determina.

⁶ Sua epígrafe me emociona e inspira: *Trova do vento que passa. Pergunto ao vento que passa/ Notícias do meu país/ E o vento nada me diz/ Mas há sempre uma candeia/ Dentro da própria desgraça/ Há sempre alguém que resiste!/ Há sempre alguém que diz não!* Fadista: Antonio Bernadino; Música de Antonio Portugal, Letra de Manuel Alegre, Universidade de Coimbra.

⁷ Disponível: <https://acervo.racismoambiental.net.br/2013/01/10/mst-e-via-campesina-lamentam-a-morte-da-companheira-maria-do-fetal/> Acesso em 01/01/2017.

Maria era uma mulher forte, uma mulher preocupada como todas as mulheres que estão dentro da dupla e tripla jornada de trabalho e participam de organizações, sabia que o importante nessa vida é “lutar e guerrear”; parafraseando Simone de Beauvoir, a própria Maria nos disse um dia: “não se nasce mulher, torna-se mulher”.

Seu exemplo de militância e dedicação de professora nos motiva a seguir lutando por uma sociedade mais justa, igualitária e internacionalista, como Maria sempre foi. Mais do que nunca, nossa luta é indispensável em todos os lugares do mundo e contra todo tipo de violência!

COMPANHEIRA MARIA: PRESENTE, PRESENTE, PRESENTE! HOJE E SEMPRE!

As camponesas e os camponeses da Via Campesina dizem:

BASTA DE VIOLENCIA CONTRA AS MULHERES!

Por uma pedagogia da infância feminista

Na história da pedagogia houve uma descoberta tardia das relações de gênero que permeiam os processos educativos das crianças, bem como os processos de formação de professores e professoras (Rosemberg, 1996 e Cerisara, 1996) que alinham esta interlocução das categorias infância e gênero (Finco e Viana, 2009). Assim como a pedagogia da infância ou da educação infantil, definida por Rocha (1999) como uma subárea na educação que vem se consolidando à partir da consolidação e expansão pós LDB da educação infantil como primeira etapa da educação básica em creches e pré-escolas, em um movimento de crítica e criação multidisciplinar com foco nos processos educativos de apropriação e produção das culturas infantis.

É inevitável ressaltar o silenciamento da área educacional com a questão feminina que emerge com os movimentos sociais, apontando para os desafios e contradições contemporâneos de uma pedagogia das diferenças comprometida com a emancipação humana. Conscientes das desigualdades históricas, busco na minha práxis docente identificar a manutenção dos binarismos e das relações de poder desiguais, tendo a creche como este locus privilegiado de uma pedagogia descolonizadora (Finco, Faria e Gobbi, 2015).

Nesta direção as chaves deste processo de construção de uma pedagogia feminista, permeada por poéticas da resistência comprometidas com a emancipação humana, está no movimento criativo de articular pedagogia, formação e a experiência estética, com um percurso formativo que envolve os estudos de gênero, perspectivas feministas e a educação, destacando os processos criativos que suscitam a tomada de consciência de gênero das mulheres nos seus processos formativos (Silva, 2008), apontando as complexidades que permeiam os processos de socialização que condicionam e buscam determinar os papéis sociais de homens e das mulheres, porém com ênfase nestas que majoritariamente são responsáveis históricas pela educação e cuidados na infância.

A última e mais recente referência em meu processo de vivenciar uma pedagogia da infância feminista em Florianópolis, conhecida como a ilha da magia devido as histórias de bruxas e curandeiras em seu processo de colonização açoriana, refere-se ao livro “O Calibã e a Bruxa” (2017), da historiadora italiana Silvia Federici, que traz uma nova e revolucionária chave teórica para refletirmos sobre as mais

perversas formas de violências históricas contra as mulheres, com foco do feudalismo – que antecede e prepara o surgimento do capitalismo até o período contemporâneo.

Segundo a autora, até o feudalismo, existiam mulheres com acesso à terra: eram lavradoras, pedreiras, parteiras e curandeiras. Mulheres que possuíam conhecimentos sobre ervas e sobre a natureza, e que, principalmente, tinham autonomia sobre seus corpos, decidindo elas mesmas sobre a gravidez ou o aborto. “Ali, os processos reprodutivos estavam em pé de igualdade com a produção”, a caça às bruxas, então, teria vindo como uma forma de sequestrar das mulheres toda a autonomia de que desfrutavam.

As “bruxas”, postas como “servas do diabo”, eram todas mulheres sábias, independentes, irreverentes e muitas vezes pobres e solteiras. Enquanto morriam nas fogueiras, queimava junto com elas a resistência ao incipiente capitalismo. “Ocorreu assim, muito lentamente, uma separação da produção e da reprodução, e uma hierarquização da divisão sexual do trabalho”, que segundo Federici, enquanto as mulheres eram condenadas como bruxas ou relegadas ao lar, os homens passaram a trabalhar fora de casa e a receber um pagamento por isso. O que sobrou para as mulheres, então, foi o trabalho reprodutivo – ter filhos, ou, em outras palavras, reproduzir a mão de obra. “O grande problema é que a reprodução dentro do sistema capitalista não é vista como um trabalho, mas como um dom natural, biológico”. Por ter sido implantada de forma tão gradual, a opressão feminina e seu afastamento do trabalho passaram a ser vistos como normais, quando, na verdade, “eram bases criadas para o sistema capitalista, e que funcionam até hoje”. Para a historiadora, a caça às bruxas é um mecanismo que se repete, ainda que com outras roupagens, sempre que o capitalismo passa por alguma crise e precisa se reafirmar. No livro, ela cita como exemplos a perseguição e catequização dos povos nativos durante os processos coloniais na América e na África, os processos de escravidão, a Guerra Fria e, atualmente, a crescente violência contra mulheres, negros e grupos LGBT, no que ela chama de um processo de “colonização global”.

Nesta perspectiva de “descolonização global” que visualizo como desafio político à uma pedagogia da educação infantil transgressora, construir um olhar feminista transnacional para os direitos das crianças, com a intencionalidade libertadora manifesta de educar crianças feministas (Adichie, 2017), trazendo, sobretudo, a creche e a pré-escola como locus histórico de luta feminista, visando outras práticas educativas para as crianças pequenas, bem como fomentando pesquisas e novas teorias, em busca de práxis emancipatória e descolonizadora, através de poéticas da resistência para a formação docente.

Docência comprometida com uma formação permanente, que visa construir interlocuções entre as ciências humanas e sociais, os movimentos sociais e a arte como possibilidades para contribuir com o grande desafio de construir coletivamente transgressoras poéticas da resistência na formação docente para atuar na educação da infância.

Buscando conteúdos em diversas linguagens que articulam a revisão de conceitos que foram construídos historicamente, mas perversamente cristalizados e invisibilizados, e que precisam ser repensados e revisitados, abordando a indissociabilidade entre a educação e o cuidado; enfatizando práticas educativas para emancipação das relações de gênero; com processos de construção de identidade docente politizados considerando a identidade de gênero na formação docente; a relação com a família,

seus arranjos e suas diversidades, e as linguagens infantis e as culturas infantis afim de coletivamente darmos um basta junt@s contra as violências de gênero.

Figura 7. Símbolos e personagens atuais da luta transnacional contra o feminicídio.

Referências

- ADICHIE, Chimamanda N. **Para educar crianças feministas: um manifesto**. São Paulo: Cia das Letras, 2017.
- BECCHI, Egle. (2003) **Ser menina ontem e hoje: notas para uma pré-história do feminino**. *Proposições, Dossier: Educação Infantil e gênero*, v. 14, n. 3, (42), p. 41-52.
- BELOTTI, Elena. **Educar para a submissão**. Petrópolis: Vozes, 1975.
- CANDON, Katia. **Minimagnário de Anderson**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2014.
- CERISARA, Ana Beatriz. (1996) **A construção da identidade dos profissionais e educação infantil: entre o feminino e o profissional**. Tese (Doutorado em Educação) - USP, São Paulo.
- FARIA, Ana Lúcia G. e SILVA, Adriana A. (2013). **Por uma nova cultura da infância: LorisMalaguzzi**. *Revista Educação Especial*, v. X, p. 98-111.
- FEDERICI, Silvia. **O calibã e a bruxa**. Mulheres, corpo e acumulação primitiva. São Paulo: Editora Elefante (tradução coletivo Sycorau), 2017.
- FINCO, Daniela; GOBBI, Marcia A. e FARIA, Ana Lúcia. **Creche e Feminismo: desafios atuais para uma educação descolonizadora**. Campinas, SP: Edições Leitura Crítica; Associação de Leitura do Brasil – ALB; São Paulo: Fundação Carlos Chagas – FCC, 2015.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

MANTOVANI, Susanna e PERONI, Rita M. **Uma profissão a ser inventada: o educador da primeira infância**. Campinas. Revista Proposições. Vol. 10 (N. 1) 28. Março de 1999.

PHELPS, Ethel. J. (Org.) **Chapeuzinho Esfarrapado e outros contos feministas do folclore mundial**. São Paulo: Seguinte, 2016.

TELES, Maria Amélia. **Breve história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

ROCHA, E. C. (1999). **A pesquisa em educação infantil no Brasil**: trajetória recente e perspectivas de consolidação de uma pedagogia (Tese de Doutorado). UNICAMP, Campinas.

ROSEMBERG, Fúlvia. (1996). **Teorias de gênero e subordinação de idade**: um ensaio. Pro-Posições, v. 7, n. 3 [21], p. 17-23, nov.

SILVA, Adriana A. (2008) **A Poética do Cotidiano com Clarice Lispector**: emergindo imagens. Dissertação (Mestrado em Multimeios: Cinema e Vídeo) - Universidade Estadual de Campinas (Instituto de Artes, UNICAMP), Campinas.

SPINELLI, Barbara. **Femminicidio. Dalla denuncia sociale al riconoscimento giuridico internazionale**, Franco Angeli, 2008.

Recebido em: 28/02/2018
Aprovado em: 15/04/2018